



## EM TORNO DO JARDIM: O COTIDIANO AMANHADO

Ana Paula Azevedo Barbosa. UFPEL

Eduarda Gonçalves. UFPEL

**RESUMO:** O presente texto versa sobre uma etapa de meu processo de criação, a constituição de jardins como atividade artística. Em que crio dispositivos para apresentar e compartilhar uma experiência de um processo relacionado às práticas do cotidiano, ligadas a jardinagem, dentro de um contexto de arte. Para tanto me debruço em teóricos como Michel de Certeau que apresenta caminhos de como atuar criativamente no cotidiano, e José Luiz Kinceler discorrendo sobre as noções de deslocamento e encantamento em arte.

**Palavras-chave:** Poéticas visuais, Jardins, Cotidiano amanhã, Arte contemporânea.

**ABSTRACT:** *This paper deals with a step of my creation process, the establishment of gardens as artistic activity. In that create devices to present and share an experience of a process related to everyday practices, related to gardening, within a context of art. Therefore I lean in theorists like Michel de Certeau that presents ways how to act creatively in everyday life, and José Luiz Kinceler discussing the notions of displacement and delight in art.*

**Key words:** *Visual Poetry, Gardens, Everyday rigged, Contemporary Art.*

O presente texto discorre sobre uma etapa do processo de criação, que versa sobre a constituição de jardins como atividade pessoal, afetiva e artística. O trabalho a que me refiro, intitulado *Em torno do jardim*, faz parte de um conjunto de proposições denominadas Sítios de cultivo, em que crio dispositivos para apresentar e compartilhar uma experiência de um processo relacionado às práticas cotidianas, ligadas a jardinagem, dentro de um contexto de arte.

Segundo Giorgio Agamben (2005), qualquer coisa que tenha a “capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” pode ser chamado de dispositivo. Ele diz que o termo se refere a uma acomodação de práticas e mecanismos com o objetivo de obter um efeito sobre uma necessidade.

Os dispositivos são precisamente o que na estratégia foucaultiana ocupa o lugar dos universais: não simplesmente esta ou aquela medida de segurança, esta ou aquela tecnologia do poder, e nem mesmo uma maioria obtida por abstração: de preferência, como dizia

na entrevista de 1977, “a rede (*le reseau*) que se estabelece entre estes elementos”. (AGAMBEN, 2005, p. 3).

Quando iniciei minha pesquisa em poéticas visuais, deparei-me com o autor francês Michel de Certeau (1996) que me ajudou a dirigir um olhar mais atento sobre o jardim de minha casa. E a perceber formas de re praticar a ação de cultivo e cuidado com as plantas, abrindo brechas para acioná-las em um contexto de arte, ou seja, quando começo a pensar em um jardim que será exposto em uma Galeria. Certeau fala que, no espaço privado de nossa morada, “se repetem em número indefinido em suas minuciosas variações as sequências de gestos indispensáveis aos ritmos do agir cotidiano.” (CERTEAU, 1996, p.205). Acredito que ao repetir, re praticar essas minuciosas variações, podemos perceber a diferença entre o gesto feito habitualmente e o gesto pensado, refletido e direcionado à arte. Como por exemplo, o cuidado com a limpeza e apresentação do jardim em um espaço destinado a atenção como na Galeria. Em minha casa, me preocupa menos a “sujeira” da terra e folhas secas que caem ao redor dos vasos. Eles fazem parte do jardim ou quintal. Assim como pequenos insetos.

Considerada uma prática ordinária por ser doméstica, descobri que com o olhar e percepção voltados para estes gestos comuns, como o cultivo e cuidado das plantas, posso gerar o pensamento e reflexão em arte. O cotidiano é composto por pequenas tarefas, atividades e situações que fazemos, repetimos, nos deparamos todos os dias, desde as mais singelas. O cuidado com as coisas é uma prática do dia, como cultivar as plantas, regando, alimentando, retirando ervas daninhas, procurando o melhor lugar para que absorva mais ou menos tempo de sol. Foi a partir desta ideia que dei ao texto o título de *Cotidiano amanhado* juntamente com o nome da obra em questão, pois são algumas práticas do meu cotidiano cuidadas, cultivadas, “adubadas”, que são palavras que tem o mesmo significado de amanhado. O espaço doméstico, privado, é onde “se desdobram e se repetem dia a dia os gestos elementares das ‘artes de fazer’” (CERTEAU, 1996, p.203).

Neste espaço privado, via de regra, quase não se trabalha, a não ser o indispensável: cuidar da nutrição, do entretenimento e da convivialidade que dá forma humana à sucessão dos dias e à presença do outro. Aqui os corpos se lavam, se embelezam, se perfumam, têm tempo para viver e sonhar. Aqui as pessoas se estreitam, se abraçam e depois se separam. Aqui o corpo doente encontra refúgio e cuidados, provisoriamente dispensado de suas obrigações de trabalho e de representação no cenário social. Aqui o

costume permite passar o tempo “sem fazer nada”, mesmo sabendo que “sempre há alguma coisa a fazer em casa”. Aqui a criança cresce e acumula na memória mil fragmentos de saber e de discurso que, mais tarde, determinarão sua maneira de agir, de sofrer e de desejar. (CERTEAU, 1996, p. 205)

Meus jardins vieram de uma necessidade de me reaproximar da prática de plantio e das próprias plantas que fizeram parte de minha infância. Cresci vendo minha mãe e avós cuidando de seus quintais, pátios e jardins. E como disse Certeau (1996) esse acúmulo na memória de fragmentos de saber e de discurso durante a infância, determina nossa “maneira de agir, de sofrer e de desejar” mais tarde. Além disso, busco com o jardim doméstico, a formação de um lugar onde se possa estar livre das representações sociais. Em lugares públicos, estamos sujeitos a regras e modos de agir necessários a uma boa convivialidade.

O trabalho que intitulei de *Em torno do jardim* (figura 1), foi exposto na Galeria de arte do Centro de Artes da UFPEl, “A Sala”, no início de 2012, em uma mostra coletiva chamada “Formandos 2011”, de curadoria da Prof. Dra. Adriane Hernandez. Foi elaborado com materiais e elementos que comumente são usados em jardins domésticos. Vasos cerâmicos, plantas, terra, pedrinhas. Um diferencial, é que este jardim possui dimensões bem reduzidas. É um micro jardim. Chamei-o de *Em torno do jardim*, pois podemos circular em torno dele, diferente dos jardins de casa, por exemplo, que geralmente ficam à nossa volta, somos rodeados pelas plantas. A peça cerâmica foi construída com micro vasos feitos em um torno cerâmico<sup>1</sup>, depois a modelagem foi feita com a ajuda de um torno de mesa<sup>2</sup>, que também fez parte do jardim na apresentação do trabalho.

Outro diferencial, é que ao contrário dos jardins domésticos, este *jardim* (fig. 2) está em um espaço público, já não é um refugio do meio social, das regras de convivência, onde outras tantas pessoas podem também estabelecer relações com o jardim. Pois em nossa casa, escolhemos e convidamos quem queremos ter perto, geralmente em horários determinados. Fora isso, é puro espaço íntimo, onde se pode respirar aliviada, sem dar satisfação ou estar na presença de quem não se quer. Podendo não fazer nada.



Figura 1. *Em torno do jardim*



Figura 2. Abertura da exposição

Foi em momentos que pude desfrutar do jardim da minha casa, que comecei a perceber o universo e ecossistema que se forma nesse ambiente. Um micro universo, quase imperceptível aos nossos olhos apressados, preocupados em dar conta de um dia de trabalho, de cuidar da família e da casa. Ir ao jardim, me envolver com sua manutenção, regando as plantas, permanecendo lá, tornou-se uma prática habitual. Todo o dia percebia pequenas mudanças nas plantas, um brotinho novo de flor, uma folha comida por uma lagarta, uma trilha deixada por formigas, o musgo nascendo nos tijolos durante os meses de outono. Assim fui aprendendo a cuidar e cultivar plantas. E esta vivência, mais tarde, me moveu a pensar e experimentar formas de trabalhar com arte e plantas. A partir disso criei *Em torno do jardim* feito com plantas vivas, que foi exposto na Galeria de Arte. Levar um organismo vivo para um espaço fechado, interno foi meu desafio final.

*Em torno do jardim* (fig. 1) foi elaborado e construído para ser exposto na Galeria de arte do Centro de artes da UFPEL, “A sala”. Inicialmente, parti para a escolha das plantas, pois sabia que somente algumas espécies poderiam ficar por um mês em exposição, num espaço com pouca ou nada de luz natural sem perecer. As plantas escolhidas foram em sua maioria suculentas e cactáceas, as chamadas leguminosas, por oferecerem maior resistência (*Callisia repens* ou dinheiro em penca; *Echeveria elegans* ou bola-de-neve-mexicana; *Senecio rowleyanus* ou colar-de-pérolas; *Sedum morganianum* ou dedo-de-moça, entre outras que não identifiquei os nomes). Durante aproximadamente um mês, construí uma peça cerâmica com diversos vasos em miniatura (Fig. 3 e 4). Todos eles feitos no torno cerâmico com formatos e tamanhos diversificados, com a intenção de dar ao *jardim* uma configuração mais orgânica. O título do trabalho também se refere a maneira como modeliei os dispositivos. Dispus alguns deles em um grande “prato” também de cerâmica onde eram fixados para dar unidade à peça. Outros vasos ficaram independentes para que eu pudesse organizá-los durante a montagem. Todos eles serviram como dispositivos, uns para as plantas, outros para conter água, pois, não sendo um jardim convencional de uma casa, necessitava de um projeto que garantisse às plantas abastecimento de umidade nos finais de semana, período em que a Galeria está fechada. O trabalho com o *jardim* exige que se tenha um acompanhamento, cuidado e envolvimento. É preciso que o mediador da exposição seja sensibilizado e ajude a cuidar da obra. Além disso, pesquisei uma forma de

aquecer e iluminar as plantas artificialmente (Fig. 5), permitindo a elas certo crescimento durante todo o mês. Foram usadas duas lâmpadas distintas, trocadas quando necessário. Este *jardim* exigiu um cuidado constante, antes e durante a exposição, para que as plantas não sofressem um estresse e enfraquecessem, comprometendo apresentação do trabalho.

Na exposição, a peça cerâmica e os pequenos vasos foram organizados em cima de um torno de mesa<sup>3</sup> e de placas de madeira que uso normalmente como suportes para confecção de peças cerâmicas, e que serviram para montar o jardim de forma vertical, permitindo cultivá-lo em uma pequena área, facilitando o modo de iluminação e aquecimento das plantas. Desta forma utilizando materiais do processo de construção como própria obra. Além disso, *Em torno do jardim*, por ser confeccionado com pequenos vasos diferentes entre si e ser organizado mais a baixo de nossas cinturas nos move a uma inclinação sobre a peça em direção ao chão, para se aproximar e observar os vasos e plantas da obra/jardim. É o movimento que fazemos ao olhar pequenas plantas que brotam do chão ou onde geralmente são amanhadas, cultivadas, na terra, no solo. Este sítio de cultivo tem características próprias, sua escala para galeria é pensada para que as plantas não morram.







Figuras 3 e 4. Parte do processo de construção do jardim



Figura 5. Jardim iluminado

Existe um cuidado desde a preparação da peça cerâmica, das plantas, da montagem do trabalho na galeria até seu último dia em exposição. É necessário que eu esteja presente em muitos momentos regando, cuidando e controlando a luz que serve de alimento para elas. Assim como por vezes é importante que o mediador da galeria, ou uma pessoa que se disponha, regue as plantas vez por outra. São táticas que criei para manter as plantas vivas durante a exposição. Pois A Galeria de arte “A Sala” possui pequenas janelas que ficam na parte superior da parede, encostadas no teto e são praticamente dispensáveis, pois não fazem diferença para qualidade de luz natural que entraria na sala, a janela ficando vedada por uma cortina. Por esta razão também exige grande nível de envolvimento de minha parte bem como de

peessoas que estão próximas a mim, por estarem sujeitas a horários em que preciso estar presente para o cuidado.

A partir da inserção de elementos que não fazem parte do campo da arte, que são próprios do cotidiano, de práticas do dia a dia de algumas pessoas, mais especificamente do meu dia, em uma Galeria de arte, acredito abrir uma brecha para falar do ínfimo, do pequeno, do que é invisível muitas vezes na vida acelerada da cidade.

A construção destes pequenos jardins desperta em mim o lado lúdico da infância. A casinha de bonecas, os brinquedos todos feitos em miniaturas, que revelam e proporcionam um mundo à parte. Os pequenos objetos se tornam grandes. Algo como “Alice no país das maravilhas”. Manoel de Barros, em documentário de Pedro Cezar (2008) feito sobre sua obra, fala que para ele poder criar e escrever seus poemas acessa uma caixinha da infância que tem em sua memória. E que só assim consegue se desvencilhar dos significados engessados das palavras. Discorro sobre isso, pois descobri neste percurso de pesquisa, que é lá na infância também, que me ascende e me aciona a criar e construir estes jardins, que provocam em mim um encantamento. Encantamento do mundo, da beleza, deleite através do cuidado e cultivo de plantas. Este encantamento a que me refiro é no sentido definido por José Luiz Kinceler, que fala em:

Ficar encantado com nosso percurso, com os resultados que produzem o processo criativo. Consciência de que os outros sentidos para nossa existência estão sendo alcançados. [...] É abrir um entre, um intervalo, uma pausa dinâmica na realidade, um espaço-tempo de atuação capaz de provocar devires. [...] Uma proposta quando encanta permite seu propositor rever suas formas de entender o mundo, devires que abrem em potência outras formas de reinventar o cotidiano. (KINCELER, p. 1797, 2008)

Em uma sociedade materialista que valoriza o racional, o mecânico e a velocidade, poder usar a arte para ter e falar de experiência estética com plantas, terra, barro, cerâmica, produz certa descontinuidade no contexto da própria arte e também de minha prática de cultivo de plantas, quando estes são deslocados e ressignificados de seu estado comum. Quando cuido de meu jardim procurando formas de apresenta-lo em um contexto de arte, produzo essa descontinuidade em minha prática habitual de cultivo, de simplesmente cuidar das plantas, de estar



envolvida com o jardim, de trocar uma planta de vaso, regar, acrescentar terra e húmus aos pequenos viventes. Segundo Kinceler (2008), a descontinuidade aqui é aquela que causa algum tipo de estranheza, de deslocamento da realidade. O mesmo acontece no campo da arte quando apresento materiais e elementos que não são próprios de seu meio.

Para entender a noção de descontinuidade em arte devemos considerar o fato de que recebemos uma cultura em movimento, que cabe a nós, em nossa presente condição vivenciar, e, deste espaço tempo articular conjuntamente a nossos desejos e percepções outras possibilidades de habitar este mundo que agora nos toca praticar. (KINCELER, 2008, p. 1791)

Quando produzo minhas peças para apresentá-las em um contexto de arte, não é possível saber previamente o que pode provocar no outro, no espectador que vai até uma galeria ver obras de arte e encontra um pequeno jardim feito em cerâmica, com plantas vivas que vão necessitar de envolvimento e cuidados durante toda a exposição. Algo do dia a dia das pessoas. Acredito que por ser um micro/jardim, o cuidado que é necessário para cultivá-lo se torna mais evidente. Uma pessoa no dia de abertura da exposição, me comentou que tinha achado um trabalho muito delicado por ser pequeno, e que percebia o envolvimento e cuidado que fora necessário para feitura da peça, pois se tratavam de plantas e vasos que comportavam pouca terra, que exigiam atenção e algum conhecimento para que desse certo.

Um jardim, quando bem cuidado, mesmo em seu espaço de costume provoca certo encantamento, mas para isso temos que enxergá-lo no meio de casas, ruas, pessoas correndo para seus empregos, no meio da turbulência da rotina. Nem sempre o tempo “nos permite” que tenhamos esta experiência no dia a dia. Transportando este fazer para um espaço destinado à atenção, destinado a fazer provocações de alguma forma, acredito provocar esta experiência que temos quando nos damos conta de um lugar cuidado e cultivado com organismos vivos. Creio que por ser um trabalho ligado intimamente ao meu cotidiano, a memória de minha infância, e ao cotidiano de muitas pessoas, permite que haja uma aproximação mais simples entre o público e eu. Não necessita de grandes desvendamentos, o trabalho não é uma metáfora, o que se quer dizer não está entre linhas, ele é o que parece ser.

## NOTAS

<sup>1</sup> Torno: A mesma coisa que Roda. Método de moldar peças com as mãos através de um disco que gira. Usado desde a antiguidade. A força motriz mais usada atualmente é o motor elétrico. No passado usavam-se os pés e as mãos. Quem trabalha no torno é Oleiro. Disponível em: <http://www.ceramicanorio.com/glossario.html>. Acesso em: 8 de março de 2013.

<sup>2</sup> Torno de Mesa. Usado para trabalhar no acabamento de peças. É um prato que gira manualmente facilitando observar a peça sob todos os ângulos. Usa-se também quando se esmalta pulverizando. Disponível em: <http://www.ceramicanorio.com/glossario.html>. Acesso em: 8 de março de 2013.

<sup>3</sup> Idem.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo?** Outra travessia 5. 2005. Esta fala foi proferida por Giorgio Agamben em uma das conferencias que realizou no Brasil, em setembro de 2005. A tradução foi feita a partir do original em italiano.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. GIARD, L. MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinha**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

CEZAR, Pedro. **Só dez por cento é mentira**. (Manoel de Barros) – 2008. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=XCMczEBull4>. Acesso em 9 de abril de 2013.

KINCELER, José Luiz. **As noções de descontinuidade, empoderamento e encantamento no processo criativo de “vinho saber – arte relacional em sua forma complexa”**. 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2008.

### Ana Paula Azevedo Barbosa

é artista plástica, possui graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, 2011. Atualmente bolsista e mestranda do programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPEL, na linha de pesquisa: processos de criação e poéticas do cotidiano. Tem experiência na área de artes com ênfase em Cerâmica, atuando principalmente nos seguintes temas: cerâmica e poéticas do cotidiano.

### Eduarda Azevedo Gonçalves/ Duda Gonçalves

é artista plástica e professora adjunta do Curso de Graduação em Artes Visuais e do Mestrado do Centro de Artes da UFPel, onde coordena a pesquisa Deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas. Participa dos Grupos de Pesquisa Percursos poéticos: procedimentos e grafias na arte contemporânea – UFPel e Veículos da Arte – UFRGS.